Um General da Monarquia

(Esboço biográfico do Brigadeiro Francisco Xavier Torres)

Edson Moura

Expirava o século XVIII, quando o Sargento da Companhia de Pontoneiros e Artífices do Regimento de Artilharia de Lisboa, Francisco Xavier Torres, foi despachado para o Ceará, no posto de 1° Tenente Comandante do Batalhão de linha da guarnição de Fortaleza (1).

Chegou á Capitania do Ceará Grande acompanhado de sua esposa, Da. Ana Teodora Torres, nos meados do ano de 1799 e aqui se radicou definitivamente, vindo a falecer mais tarde no posto de Tenente-Coronel.

Nomeado por Decreto-Real, em 17 de Dezembro de 1814, Sargento-mor Comandante do Batalhão de Tropa de Linha e Inspector dos Corpos Militares existentes na Capitania, Torres exerceu notável influência na vida política e militar do Ceará, assumindo o seu Governo por quatro vezes: de 14-2-1807 a 21-6-1808; de 12-1-1820 a 13/7/1820; de 13-11-1821 a 17-2-1822 e de 4-12-1822 a 23/1/1823 (2). Foi ele quem primeiro exerceu o Comando das Armas da Província, nomeado pelo Governo Temporário em 16 de Fevereiro de 1823 (3). Era Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz.

Foi desse casal de origem pernambucana que nasceu, em 1803, na então vila de Fortaleza, aquele que mais tarde seria o Brigadeiro Francisco Xavier Torres, Oficial da Rosa e Comendador de Cristo, que prestou serviços de alta relevancia militar ao País e participou, activa e destacadamente, das lutas partidárias da antiga Província do Ceará.

Governava, então, a Capitania o Moço Fidalgo da Casa Real, João Carlos Augusto Oeynhausen. Fortaleza era, naquele recuado ano, um vilarejo insignificante de ruas tortuosas e vielas sujas. A instrução nula, os

---

(1) **STUDART. Geografia do Ceará, pág. 135.**

(2) **J. BRÍGIDO. Efemérides do Ceará, in Rev. do Instituto do Ceará, vol. XIV, págs. 154, 160, 162 e 165.**

(3) IDEM. Vol. cit. pág. 166.

homens rudes e a natureza hostil. A profissão que atraía as *elites* era a carreira das armas.

O menino Francisco Xavier, pela mão de seu pai, enveredou cedo na vida militar. Assentou praça de Cadete, na Companhia de Artilharia do Ceará, com 3 anos, a 5 de Agosto de 1806, *sem benefício de soldo e pão*, e teve baixa a 28 de Março de 1814 (4).

Quando voltou, porém, ao serviço militar, em 1° de Maio de 1821, era um desempenado rapagão de 18 anos e dentro de poucos meses recebia a sua primeira promoção: Cadete-Porta-Bandeira, a 19 de Novembro do mesmo ano.

Aqui começa, realmente, a sua vida de soldado.

Corria pacíficamente o seu segundo ano de caserna quando, proclamada a Independência, o Governador das Armas do Piauí, João José da Cunha Fidié, insurgiu-se contra a libertação do jugo lusitano no Brasil, promovendo, de armas na mão, um movimento que pretendia jugular as manifestações adesistas ao rompimento dos laços políticos que nos ligavam a Portugal.

O Ceará, que estava fadado a socorrer as Províncias irmãs situadas no Nordeste brasileiro, durante um tumultuario periodo que se prolongou por quase trinta anos, aprestou e fez seguir, em defesa dos *independentes* do Piauí, uma Expedição Auxiliadora que, partindo de Fortaleza em data ainda não devidamente esclarecida pelos estudiosos do assunto, se encontrava em Uruburetama a 25 de Dezembro de 1822.

Integrando essa Expedição enviada por seu pai, então á frente do Governo do Ceará, seguia o Cadete Torres para o seu baptismo de fogo.

Esse baptismo ocorreu no lugar Jenipapo, a 13 de Março de 1823, num combate em que o contingente cearense, comandado pelo Jajor Luís Rodrigues Chaves, que se incorporara ás forças separatistas, sofreu sério revés. Bateu-se, porém, bravamente durante mais de três horas, enquanto não lhe faltaram munições e apesar da fadiga consequente de inúmeros dias de marcha forçada.

Embora batido pelas forças de Fidié, não se pode negar a notável influência que exerceu essa Expedição sobre as populações piauienses que, moralmente revigoradas pelo auxílio recebido, apressaram a adesão de importantes cidades daquela Província vizinha ao movimento de nossa emancipação política (5).

Pacificadas as Províncias do Piauí e Maranhão pelo Exército Libertador de Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras, regressa o Cadete Torres

---

(4) **STUDART. Dicionário Bio-Bibliográfico, vol. I, pág. 327.**

(5) **MARTINS FILHO. Filgueiras e o Exército Libertador, in Rev. do Inst. do Ceará, vol. LIX, pág. 236.**

a Fortaleza, onde o vem encontrar o movimento armado que teve como promotores aqueles dois chefes militares e que culminou com a ocupação da Capital pelas forças rebeldes, a 28 de Abril de 1824, e consequente deposição do Presidente Costa Barros.

Assumindo Tristão o poder, prendeu Torres como suspeito de apoiar o Presidente deposto e o remeteu para o Rio, a bordo do brigue inglês "MATHILDE," em companhia de Costa Barros, Capitão-mor Barbosa, Sargento-mor Facundo, Sargento-mor José Narciso Torres e Alferes Pedreira.

*
* *

O histórico movimento republicano que irrompeu no Recife a 2 de Julho de 1824, sob a legenda de "Confederação do Equador", e que teve no Ceará a sua hora máxima naquela memorável sessão do Grande Conselho, realizada a 26 de Agosto do mesmo ano, encontrou Torres fiel ao regime imperial sob o qual servia.

Promovido a Alferes a 11 de Setembro de 1824, foi agregado ao Corpo de Infantaria do Ceará, tendo tido acesso ao posto de Tenente logo no dia 12 do mês seguinte.

Instalada a Comissão Militar presidida por Conrado Jacob Niemeyer, para punir os rebeldes que sonharam com uma república naqueles recuados anos, foi requisitado para servir de Secretário e Ajudante de Ordens do Comando das Armas, de que era titular o presidente daquele tribunal de excepção.

A primeira ordem do dia daquela Comissão vem assinada pelo Tenente Torres e está assim redigida:

> "Ordem do dia de 21 de Abril de 1825.
> S. Excia. determina:
> Que tendo chegado a esta Capital o Illm°. Sr. Juiz Relator da Comissão Militar, Manoel Pedro de Moraes Meyer, amanhã, 22 do corrente, se dê começo aos trabalhos da mesma Comissão Militar, que será na casa da Camara, em todos os dias que não forem feriados, começando ás 8 1/2 da manhã as sessões.
> Nomear-se-há um official, um cadete, um corneta e agente de polícia para fazer a guarda da Comissão, e finda a sessão voltarão ao seu destino.
> Nomear-se-há um inferior diariamente, para as ordens do Sr. Juiz Relator Meyer, que fica igualmente de Auditor de Brigada, e como tal terá os vencimentos que lhe pertencem.
> S. Excia. determina que os Srs. Ajudantes de Ordens, ficam, igualmente, ás ordens da Comissão nos atos das sessões.

Os presos que estiverem respondendo á Comissão, serão recolhidos em prisões separadas, com todas as cautelas precisas.
(a) Francisco Xavier Torres,
Secretário e Ajudante de Ordens Interino."

Até o ano seguinte exerceu aquelas funções. A 2 de Agosto de 1825 teve as suas charlateiras de Tenente ornadas com as dragonas de Capitão e seguiu para S. Luís do Maranhão, onde demorou dez meses, retornando ao Ceará em 1826 Recebeu a sua promoção a Major a 20 de Outubro de 1828.

*
* *

Já por esse tempo a turbulência de Joaquim Pinto Madeira (6), que perturbava a paz da Província, havia vários anos, mais se acentuava, criando sérios embaraços á administração pública. Retornando da Corte, esse potentado, investido na patente de Coronel-Comandante-Geral das Milícias do Crato e Jardim, intensificou o seu proselitismo em favor da proclamação do governo absoluto de D. Pedro I, movimento que se ramificara por várias Províncias do Império. Conseguiu Pinto Madeira congregar em torno de si avultado número de partidários e, afrontando, constantemente, a autoridade do então Presidente Manuel Joaquim Pereira da Silva, resolveu este, no temor de que se sublevassem as populações do Cariri e adjacências, enviar o Major Torres, no Comando de uma Força Expedicionária, para restabelecer a ordem pública seriamente ameaçada.

Assim, a 22 de Outubro de 1829, oficiava aquele Presidente ao Comandante das Armas, nos seguintes termos:

"Tendo de marchar desta Capital ao Icó e de lá ao Crato e talvez Jardim o Major Francisco Xavier Torres, comandante em chefe da força que se destina áqueles pontos, como avisei V. Excia. em officio de ontem, e como pode succeder que este official se veja na precisão de entrar em operações de defesa ou hostilidade contra os inimigos do systema atual do governo de S.M.I. e C., ou ainda d'outro qualquer que não seja o do Constitucional, por nós jurado, faz-se indispensavel que V. Excia. passe suas ordens ao referido Major para que este possa por si ordenar, deliberar e tomar todas as medidas precisas para conseguir a bôa ordem, socego e tranquilidade dos habitantes por onde transitar, podendo ordenar aos co-

(6) **SENADOR POMPEU. Juizo Histórico, in Rev. do Instituto do Ceará, vol. IX, pág. 36.**

mandantes dos corpos que entrem em linha de operações, ou prestem-se, quando por elle forem chamados, ao referido fim."

Efectivamente, a 24 de Outubro, seguia Torres o seu destino e, graças á energia aliada á prudencia com que se conduziu naquela delicada e perigosa missão de que fora incumbido, pode recolher-se á Capital em 6 de Agosto de 1830, deixando a ordem pública restabelecida naquela região, pelo que se fizeram assentar, na sua *fé-de-ofício*, honrosos elogios.

Infelizmente, os sucessos de 7 de Abril de 1831 (abdicação de Pedro I em favor de seu filho D. Pedro de Alcantara) fizeram com que o ferrenho partidarismo de Pinto Madeira pelo Imperador abdicante o levasse a insurgir-se e, de armas na mão, tendo por companheiro de empresa o célebre padre *Benze-cacete,* Antônio Manuel de Sousa, vigário de Jardim, promover um levante pró restauração, que rebentou a 14 de Dezembro de 1831.

Antes dessa data, por incumbência do Presidente da Província, seguira, na qualidade de observador militar, para aquela região, o Comandante das Armas, Coronel Tomás Antônio da Silveira, que nomeou o Major Torres Comandante Militar da Capital da Província, em 28 de Junho de 1831. Ao regressar daquela viagem e tendo encontrado a sua demissão, passou o Comando das Armas ao Major Torres.

Agravando-se, a situação no Cariri, José Mariano, que se empossara no governo provinciano a 8 de Dezembro, resolveu tomar providências mais enérgicas, o que determinou que Pinto Madeira se aprestasse para marchar sobre Fortaleza.

Diante da gravidade dos sucessos, decidiu o Presidente, com audiência do Conselho, enviar ao encontro das forças rebeldes o Comandante Interino das Armas, Major Torres que, partindo de Fortaleza com a sua tropa, a 22 de Dezembro de 1831, chegou ao Icó a 6 de Fevereiro de 1832.

Recebido com entusiasmo pela população local, áquela época grandemente aumentada por vultoso número de famílias caririenses que ali se abrigavam fugindo ás atrocidades das tropas de Pinto Madeira, determinou o estabelecimento provisório do seu quartel-general naquela vila, de onde irradiariam as suas operações de campanha, até a chegada do Presidente José Mariano.

Destacou, assim, duas colunas sob o mando de dois bravos oficiais de sua confiança, as quais, entretanto, foram mal sucedidas em seus encontros com as tropas rebeldes que se encorajaram e promoveram uma investida geral contra o seu quartel-general.

Efectivamente, Pinto Madeira, congregando todas as suas forças, fê-las marchar sobre o Icó, travando-se na dita vila, a 4 de Abril, um

combate em que se defrontaram 3.000 rebeldes, com as tropas imperiais que somavam, apenas, 310 homens (7).

A vitória das armas legais sobre os insurretos, nessa memorável batalha do Icó, constitui um feito brilhantíssimo e concorreu, decisivamente, para pôr termo á luta que ensanguentava o solo cearense.

Pontilhada de lances épicos, nos quais avultou a bravura do comandante e dos seus comandados, conta-o o próprio Major Torres, em dois pitorescos ofícios que dirigiu a José Mariano:

"Illm°. e Exm°. Sr.
Tenho a satisfação de comunicar a V. Excia. que hoje, pelas 9 horas da manhã, principiei a acção com os facciosos de Pinto Madeira, que se compunhão em numero de três mil homens, durando o fogo até ás 2 horas da tarde: voltarão em debanda e deixando no campo da parte deles para mais de cem homens mortos e duzentos feridos; e nossos mortos, o intrepido capitão-mor de Pombal, Gonçalo José da Costa, quatro soldados do batalhão n° 22, alguns feridos tanto do batalhão como da artilharia; fizemos quatro prisioneiros, e já se me apresentarão onze praças das que forão prisioneiras em Barbalha.
Avance V. Excia. para se darem providências, pois que eu não tenho cavallaria, e a tropa de 1a. linha está bastante cansada e me faltão munições. Com a chegada de V. Excia. lhe darei uma conta exacta de toda a acção. A briosa tropa de linha não ha elogios com que a louve e as mais praças, que compunhão a minha força do mesmo modo se portarão.
Quartel do Comando Geral da villa do Icó, 4 de Abril de 1832.
Illm°. e Exmo. Sr. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti.
Presidente desta Província.

(a) Francisco Xavier Torres,
Major Comandante Geral."

"N.B. Si tiver apparecido o Cirurgião-mór Silverio José da Cruz, sirva-se V. Excia. de o mandar com toda a brevidade, pois que os feridos muito necessitão delle." (8)

"Illm°. e Exm°. Sr.
No meo officio de 4 do corrente, onde participei a Vxa. o ataque e o nosso triumpho n'aquele dia, não pude apresentar a V. Excia. to-

(7) PAULINO NOGUEIRA. **Presidentes do Ceará, in Rev. Inst. do Ceará, vol X, pág. 244.**

(8) **Este cirurgião fugiu na ocasião do combate.**

das as circunstancias dos meus trabalhos em momentos tão perigosos; porque o tempo não me chega, logo ao depois da derrota do tyrano, senão para mandar tratar dos soldados feridos, sepultar os mortos, e dar providencias necessarias, para que não soffressemos logo outro acomettimento.

No dia 5 soube que o inimigo pernoitou na Varzea Alegre, distante desta villa 3 legoas, ainda com numero de mais de 400 homens, e muito desejando manda-los seguir e fazer-lhes a ultima derrota, não pude; porque os soldados que entrarão comigo na acção ficarão fatigados a ponto de não poderem mais trabalhar n'aquelle dia, muito principalmente para fazerem uma marcha reforçada; a maior parte da cavallaria francamente deixou o campo procurando fuga já presumindo a minha desgraça, e os poucos que não desampararão participarão igualmente das mesmas afflições; e estes seguindo com 60 praças do batalhão 22, os tenentes Cavalcante e Chaves e o alferes Torres (9) e Canuto, ainda perseguirão os facciosos até o Riacho d'Arêa, distante d'aqui 3 quartos de legoa, tomando-lhes ainda 20 e tantas rezes além das mais que dispersarão, 2 cargas de farinha e arroz; e não podendo mais avançar tanto por ser a tropa pouca, os cavallos já estarem bastantemente enfraquecidos pelo muito que havião trabalhado nos dias antecedentes explorando o campo, e mesmo porque receiarão alguma guerrilha nos apertados dos caminhos, voltarão, deixando-os grandiosamente cobertos de susto e terror.

Já no meo supracitado officio participei a V. Excia. a morte do valeroso capitão-mór de Pombal, e 4 praças do batalhão 22; mas logo no outro dia morreo o cabo Francisco dos Santos que tinha ficado gravemente ferido, e mais 3 paizanos de outras corporações, entrando nesse numero Manoel Ignacio Filgueiras Minú logo assassinado no piquete que foi reconhecer o inimigo; e a quantidade dos feridos V. Excia. verá da relação que junto.

Do inimigo morrerão mais de cem, e o numero dos feridos dizem que excedeo a mais de duzentos, dos quaes contão terem morrido dezoito na Varzea Alegre, onde pernoitarão.

Na Ordem do dia 5 do corrente, como verá V. Excia. da copia inclusa, lovei a coragem, com que a minha tropa, os meus valerosos officiais e mais corporações se distinguirão no combate encarando sem assombro, por espaço de 5 horas, uma scena tão horrorosa, e ao

(9) **Luiz Xavier Torres, irmão do missivista, que morreu no posto de Major, comandando a tropa de linha aquartelada em Fortaleza, no ano de 1886. Foi um dos signatarios da ata da memoravel sessão do Grande Conselho da Confederação do Equador.**

mesmo tempo estranhando a fraqueza e máu comportamento de alguns, que se confundirão e deixarão-se cobrir de pavor, esquecendo-se dos seus companheiros, quando todos os direitos, a propria rasão e a mesma humanidade mais reclamava sacrificios.

E com effeito as circunstancias hião-se arruinando, o perigo estava eminente, e a morte já parecia pintada no semblante de todos; porque depois de ter estendido a mais tropa em frente desta villa no alto da Igreja do Monte, por ser o logar mais proprio para a acção, e para onde me dirigi ás 6 horas da manhã pela certeza que já tinha do inimigo atacar-me neste dia, poucas horas tardarão que se não encontrasse com um piquete de cavallaria, que mandei reconhecer a posição em que se achava, e logo depois apresentando-se a nossa vista mandei dar principio ao fogo de artilharia com balla raza, tomando-os ao longe com o fim de assustal-os; mas o furor com que marchavão e o grande numero de que se compunhão encorajou-os a ponto de acommeterem pondo-nos em um cerco por todos os lados da villa, alem da muita gente que ficou para avançar a nossa frente. Eles acommettem, e então o fogo cerrou-se com encarniçamento e actividade, tendo eu já mandado avançar a 1a. companhia para bater uma linha do inimigo, que se vinha aproximando á minha esquerda, depois de terem recuado estende-se outra vez, pelo lado direito com uma porção de cavallaria na frente, tomando conta da margem do rio, tempo em que já toda villa estava debaixo de cerco e a maior parte da força dentro das ruas, e avançando com furor, o que motivou a minha retirada em direitura á Igreja do Rosário, onde só contava com uma peça por se ter desconcertado a outra, ficando logo cravada.

D'ahi reunindo a minha força e reconhecendo a sua demasiada coragem, dei a voz de avançar, e então novamtnte encorajados fizemos o mais duro fogo repellindo a força inimiga, que já contando com a villa por espaço de dez minutos cederão-lhe á força de baionetas, e pondo-se logo em fuga deixarão as ruas desta villa juncadas de cadaveres dos seus companheiros, ficando tambem 4 prisioneiros, como já fiz ver a V. Excia.

No dia 5 podemos ter mais outro pelo piquete a cavallo, que mandei explorar o campo e tomar conhecimento onde se achava o inimigo, e tendo seguido thé Varzea Alegre, as noticias que encontrarão forão que se tinhão retirado; mas como eu não o podesse seguir pelos motivos já declarados, e o malvado ainda possa reunir alguma força, e agora ser o tempo mais opportuno para a sua prisão por já estarem tomadas todas as fronteiras, rogo a V. Excia. queira dar toda a presteza á sua marcha, afim de darmos cabo da abjecta facção, que

tantas vidas tem roubado e desgraçado a tantas familias, e quando por algum justo impedimento V. Excia. não possa avançar com rapidez que a necessidade da causa exige, faça marchar a força, que eu com a minha vida afianço o bom resultado dos nossos trabalhos, assim como já provei no dia 4, quando mais arriscada considerei minha existencia.

Accuso o recebimento dos dous officios de V. Excia. de 5 do corrente, e sobre o que nelles me communica e ordena eu fico inteirado e prompto a dar a devida execução.

Participo tambem a V. Excia. que já se me apresentarão mais 5 praças das que foram feitas prisioneiros na Barbalha, alem de onze que já referí a V. Excia.

Deus Guarde a V. Excia.

Quartel do Commando Geral da Villa do Icó, 8 de Abril de 1832.

Illm°. e Exmo. Snr. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, Presidente desta Provincia.

(a) Francisco Xavier Torres,
Commandante Geral."

Diante dos ofícios de Torres, José Mariano apressou a sua partida para o Cariri, conduzindo tropas frescas, afim de debelar definitivamente a rebelião, cujo fracasso já se prenunciava.

Abramos um ligeiro parêntese para ressaltar, aqui, uma faceta do carácter de Torres.

Embora tivesse dado sobejas provas de indomita coragem, repugnava-lhe o inútil derramamento de sangue.

Assim é que, tendo José Mariano encarregado o Capitão em comissão, Francisco Martins Galuxo, de conduzir a Fortaleza alguns prisioneiros, este oficial regressou, transcorridos poucos dias, informando o Presidente que os presos haviam morrido em Jaguaribe-Mirim, *estuporados por acabarem de comer carne fresca com pirão escaldado e terem-se metido no rio.*

Essa evasiva cínica para encobrir bárbaros assassinatos a cacete, indignou Torres que não perdoou a José Mariano a falta do merecido castigo ao matador desalmado.

Passados alguns dias, enviando-lhe o Presidente um espião que havia sido preso por uma patrulha, com ordem de mandar "passá-lo pelas armas", Torres devolveu-o com a seguinte e digna resposta:

— "Voltem e digam a S. Excia. que eu não sou Galuxo para matar a seu contento."

Fechemos o parêntese.

Definitivamente pacificado o Cariri, regressa Torres á Capital em

25 de Outubro de 1833, constando dos seus *assentamentos* três elogios, pela sua bravura, pronto cumprimento do dever, zelo e actividade.

*
* *

A política de brandura e tolerância adoctada pelo Major Torres para com os partidários das forças derrotadas desagradou profundamente o Presidente José Mariano, homem que guardava profundos rancores aos seus inimigos (10).

Em represália a essa humana atitude do valoroso cabo de guerra, que constitui insofismável atestado de um carácter bem formado, José Mariano, a pretexto de cumprir ordens da Regência, dissolveu o 22º Batalhão de Caçadores que Torres comandava havia alguns anos, reduzindo-o a apenas três companhias.

Profundo ressentimento se assenhoreou de Torres; ressentimento perfeitamente justificável, tanto mais se levarmos em consideração que o bravo soldado voltava vencedor de uma campanha em que, inúmeras vezes, expusera a vida em defesa do regime político imperante.

Daí porque, animado pelos seus comandados, que lhe votavam especial estima e desejavam a recomposição do 22º e a sua volta ao comando da unidade referida, Torres apoiou o movimento que se tramou no quartel no sentido de exigir de José Mariano a sua reintegração no cargo de que fora tão injustamente destituído.

O Presidente, entretanto, não atendeu a essa reivindicação da tropa que, finalmente, sem mais esperanças de realizar os seus desejos pelos métodos pacíficos, rebelou-se ás 10 horas da noite de 10 de Novembro de 1833.

A cidade passou áquela noite sobressaltada com os toques de rebate e *vivas* ao Major Torres e *morras* a José Mariano.

Este, ausente no momento, repousando em Maranguape, voltou imediatamente a Fortaleza e procurou resolver a situação em continuadas conferências com a oficialidade que, a seu chamado, compareceu a Palácio, com excepção de Torres. Os oficiais mantiveram-se, porém, irredutíveis: ou a volta de seu comandante ou a deposição do Presidente pela força do Exército.

José Mariano lança mão de um último recurso. Manda o Tenente Jamacarú, pessoa de sua confiança, ler uma "Proclamação" aos amotina-

(10) PAULINO NOGUEIRA. **Presidentes do Ceará, in Rev. do Instituto do Ceará, vol. X, pág. 275.**

dos. Essa *fala* não produziu, entretanto, nenhum efeito sobre os exaltados ánimos dos insubmissos.

Acontece, porém, que chega ao porto o brigue-escuna de guerra "PATAGÓNIA", cujo comandante põe a guarnição da sua unidade naval ás ordens do Governo para abafar a rebelião, o que efectivamente consegue.

Preso, Torres é embarcado para a Corte, seguindo a 18 de Novembro a bordo do aludido brigue, em companhia de vários companheiros de sedição.

Em Recife, porém, foram todos libertados por força de uma ordem de *habeas-corpus* concedida pelo Tribunal da Relação daquela Capital, regressando Torres a Fortaleza no paquête "MODERADO", a 10 de Dezembro do mesmo ano de 1833.

Apenas dois dias permaneceu, ainda, sob as ordens de José Mariano, que, substituído no governo, seguiu para o Rio em 12 de Dezembro.

Dizem as crónicas que José Mariano quando transitava em frente ao quartel, a caminho do porto, sofreu ligeira manifestação de desagrado por parte da tropa, ainda inconformada com a prisão de que fora vítima o seu comandante (11).

Submetido a júri, juntamente com outros colegas de farda, dentre os quais o bravo António de Sampaio, a esse tempo furriel do seu batalhão e que foi seu comandado e amigo durante muitos anos, conseguiu absolvição em 22 de Fevereiro de 1834.

*
* *

Rebentando, em 1835, no Pará, o movimento revolucionário conhecido na história pátria pela denominação de *Cabanada,* foram solicitados, pelo governo daquela Província, urgentes socorros ao Presidente do Ceará, Padre José Martiniano de Alencar.

Atendendo aos apelos que lhe foram dirigidos, o Ceará expediu um contingente organizado com elementos de sua Polícia e tropas do Exército, sob o comando do Major Xavier Torres que, largando de Fortaleza a 24 de Setembro de 1835, chegou á vila de Turiaçu a 7 de Outubro seguinte, com escala em São Luís do Maranhão.

Desembarcando ás 5 horas da manhã do dia seguinte, da escuna "DONA FRANCISCA", que o transportara com o seu contingente, Torres atacou a dita vila que se achava ocupada pelos rebeldes, travando-se, ali, um combate que resultou na vitória das armas legais.

Desse primeiro contacto das forças cearenses com os insurretos resul-

(11) **PAULINO NOGUEIRA — Presidentes do Ceará, in Rev. do Instituto do Ceará, vol. X, pág. 283.**

tou a morte de oito *cabanos* e dezoito prisioneiros, depois de cerrado fogo que durou quase todo o dia.

Desbaratadas as tropas *cabanas,* que abandonaram a praça ás forças do Major Torres, este encontrou a vila arrasada pelos ocupantes anteriores: casas sem portas nem janelas, algumas sem telhados, moveis destruídos, géneros alimentícios inutilizados e espalhados pelas ruas (12).

Ingentes foram os seus trabalhos para restaurar a vila, onde estacionou algum tempo, afim de dar caça aos rebeldes, prosseguindo daí em defesa de Vizeu e Bragança, que reclamavam o seu auxílio.

Alto elogio lhe fez o Marechal Manuel Jorge Rodrigues, Presidente do Pará, em ofício datado de 16 de Dezembro de 1835, que dirigiu ao Padre José Martiniano de Alencar, agradecendo os auxílios enviados áquela Província, no qual assim se refere ás forças cearenses:

> "...e se no apurado aperto em que a Providência, por seus desígnios impenetráveis, me quis colocar, permite algum alívio e consente que eu aviste alguma esperança lisonjeira, é certamente, Exmº. Snr., neste acto de V. Excia. acudir a este Governo com os cem Bravos Cearenses, cujo número multiplicado pelo seu valor, por sua experiência e virtudes, tendo á sua frente um *Bravo Chefe, que no sangue sente o nobre vigor de seus ilustres precedentes e no coração os abalos de um Brasileiro distinto, por seus serviços e conhecimentos,* dará, tanto em Turiaçu, como junto a mim, toda a honra de os comandar..." (13).

Louvado, também, pelo Comandante das Armas do Pará, Brigadeiro Andréa, pela "actividade e zelo" com que se portou naquela marcha e nos combates de que participou, foi, ainda pelo mesmo General-chefe das forças legais em operações, nomeado, a 27 de Abril de 1836, Comandante Militar de Bragança, Vizeu, Turiaçu e Ourém (14).

Naquele destacado posto foi encontrá-lo a sua promoção a Tenente-Coronel — acesso a que fazia jus, não somente pela brilhante folha de serviços anteriormente prestados, como também pela sua destacada e decisiva actuação naquela guerra.

Afeito não somente aos rudes trabalhos de campanha, como também á diplomática missão de pacificar regiões convulsionadas por lutas internas, não lhe faltavam coragem e tacto para exercer, com galhardia e êxito,

---

(12) D. RAYOL. **Motins Políticos**, vol. V, pág. 195 (Ofício do Major Torres ao Presidente do Maranhão, datado de 8.10.1835.)

(13) **EUSEBIO DE SOUSA. História Militar do Ceará, pág. 268.**

(14) **D. RAYOL. Ob. cit.**, mesmo vol. pág. 395.

incumbências de tal jaez; assim é que, sem maiores tropeços, conseguiu manter a ordem pública sem alterações na vasta região que fora confiada á sua capacidade de soldado disciplinador, justo e moderado.

Finda a sua missão, ao despedir-se do Comando das Armas do Pará, por ter de recolher-se á sua Província natal, foi novamente elogiado em ordem do dia 5 de Abril de 1839, pelo brilhante desempenho das ordens recebidas.

Depois de quase quatro anos de ausência, retornava, afinal, a Fortaleza em 11 de Maio de 1839.

*
* *

Desde 1838 lavrava a guerra civil no Maranhão.

Revolta que se prolongou por três longos anos de lutas cruentas, a *Balaiada* somente terminaria com a intervenção do glorioso soldado Luís Alves de Lima e Silva, mais tarde Marechal Duque de Caxias.

Desbaratadas as forças rebeldes, passaram-se estas para o Piauí em demanda do Ceará que, a fim de defender as suas fronteiras ameaçadas em alguns pontos e já transpostas em outros por troços armados que perturbavam a ordem pública, organizou um batalhão Provisório de Caçadores, cujo comando foi assumido em 18 de Abril de 1840, pelo Tenente-Coronel Torres.

Nomeado, logo a 24 do mesmo mês, pelo Governo da Província, Comandante-Chefe das Forças em Operações, partiu ao encontro dos *balaios*.

Duros e sangrentos foram os recontros das forças legais com os insubmissos maranhenses que, ainda em território do Piauí, se bateram com o contingente cearense em Algodoeiras, fazenda Baíba e Frexeiras (15).

Derrotados e postos em fuga em todos os combates, os *balaios* perderam cerca de 200 homens na batalha de Frexeiras (16), o que os enfraqueceu sobremaneira.

Elogiado pelo Presidente da Província, Dr. Francisco de Sousa Martins, em 25 de Junho do mesmo ano, pelo "valor e bravura" patenteados na tomada de Frexeiras, Torres investe contra o último reduto dos insubmissos que, a 1° de Julho, haviam ocupado São Pedro da Ibiapaba (Ceará), destroçando-os completamente na fazenda Buriti.

Embora atacado por séria enfermidade, "foi-lhe pedido pelo Presidente da Província que continuasse no Comando em Chefe das Forças, pelo que permaneceu no seu posto" (17).

Recolhendo-se a Sobral, sede do seu quartel-general, ali permaneceu

(15) **STUDART. Dicionário Bio-Bibliográfico, pág. 329.**

(16) **EUSEBIO DE SOUSA. História Militar do Ceará, pág. 280.**

(17) **STUDART. Ob. cit., pág. 329.**

em observações até Dezembro, onde o foi encontrar o novo Presidente, Padre José Martiniano de Alencar, que se empossara no Governo Provincial a 20 de Outubro.

Segundo rezam as crónicas, o Padre Alencar fora a Sobral a fim de, com o prestígio de sua presença e da força armada que constituia o seu séquito, assegurar a vitória da facção liberal de que era um dos principais esteios na Província, no pleito eleitoral que teria lugar naquele mês de Dezembro de 1840 e que, segundo tudo indicava, estaria "propenso a dar ganho de causa á oposição — o partido conservador." (18)

Torres, que pertencia a esta ultima agremiação política, era naturalmente elemento suspeito de influir na eleição cuja data se aproximava, o que determinou que Alencar, mal chegado áquela vila, o destituisse do comando em chefe das fornas e do Batalhão Provisório de Caçadores, ordenando-lhe que se recolhesse á Capital.

Esta era a segunda vez que Torres, recém-saído dos campos de batalha, onde se destacara pela bravura e avultara pelo desprendimento, sofria, por parte do Chefe do Governo, a injustiça da demissão de postos de comando a que era guindado todas as vezes que a ordem pública e as instituições legais periclitavam.

Assim sucedera ao tempo de José Mariano, que não sopitara as suas paixões pessoais, e agora se repetia no governo do Padre Alencar, a serviço de subalternos interesses políticos.

Torres reagiu da segunda vez como o fizera da primeira: virilmente, de armas na mão, desprezando consequências que poderiam influir desfavoravelmente na sua carreira militar, toda ela nobremente pontilhada de destacados serviços á Patria.

E se assim não fizera, acobardando-se, vilmente, ás determinações arbitrárias de régulos provincianos, competeria sériamente, perante os seus comandados, a auréola que lhe ornava o nome e lhe emprestava fama de valoroso cabo de guerra.

Recusando-se a aceitar a sua demissão, ele e os outros oficiais sob o seu comando, dentre os quais destacamos os Alferes Luís Xavier Torres e António Lins de Oliveira, o Coronel de Milícias Frascisco Joaquim de Sousa Campelo, o Alferes de Cavalaria Miliciana Joaquim Ribeiro da Silva e o Sargento Joaquim Bezerra de Albuquerque, promoveram uma rebelião que se propunha depor o Padre Alencar.

Cerca das 8 horas da noite de 14 de Dezembro de 1840, ouviram-se os primeiros toques de corneta prenunciadores da revolta. A tropa, que se reunira no subúrbio conhecido por Várzea de Fortaleza, marchou em pro-

(18) **JOSÉ VICENTE FRANCA. Para a História de Sobral, in Rev. do Instituto do Ceará, tomo XX. pág. 291.**

cura do palacete em que se hospedava o Presidente, situado na actual Rua Senador Paula.

Ao chegar nas proximidades do edifício que abrigava o Padre Presidente rompeu o fogo. Mas a guarda pessoal do Chefe do Governo estava alerta desde cedo. Havia tomado todas as providências para rechassar o assédio. A luta, entretanto, prolongou-se por toda a noite e madrugada afora.

Grande parte, porém, dos soldados de Torres eram elementos da polícia que desertaram, passando-se para as forças do governo, o que obrigou aquele a abandonar a luta, em virtude do enfraquecimento do contingente de que dispunha. Retirou-se para uma fazenda das imediações, de propriedade de um dos seus amigos, e dalí seguiu para a Serra Grande, embrenhando-se, depois, pelos sertões.

Atendendo, porém, aos apelos da família, aflita pela vida nômade que estava levando, resolveu entregar-se, em Baturité, ao Tte.-Cel. António Barroso de Sousa, que o conduziu á Capital.

A 9 de Fevereiro de 1841, seguia preso para o Rio, de onde somente regressou a 21 de Junho do mesmo ano.

Já por esse tempo o Padre Alencar havia sido demitido do governo, em consequência da queda do ministério da Maioridade, ocorrido em Março, o que ocasionou a volta da política conservadora, a que Torres pertencia, ao poder.

Logo após o seu regresso do Rio foi nomeado Instrutor Geral da 1a. Legião da Guarda Nacional, isto a 1°. de Agosto, e a 16 do mesmo mês foi reintegrado no comando do Batalhão Provisório, do qual se dispensou a 21 de Setembro seguinte, por ter de ir a Sobral responder ao júri que o despronunciou pelo levante promovido contra o Presidente Alencar.

Reassumindo o comando do Batalhão Provisório, foi, a 1°. de Agosto de 1842 elevado ao Comando da Guarnição da Província.

No espaço que medeia os anos de 1842 e 1847 não há notícias de outras actividades de Torres, a não ser no comando do seu batalhão que, afora algumas diligências de pequena monta empreendidas no interior da Província, nenhum feito notável praticou nesse período.

Tendo sido nomeado, a 18 de Março de 1847, Comandante do 4°. Batalhão de Caçadores, no Pará, aí foi surpreendido com a sua graduação no posto de Coronel, no qual foi confirmado em 16 de Novembro de 1850, quando já se encontrava em Pernambuco, com a ala direita do seu batalhão. Nesta última Província exerceu, por três vezes, o comando das armas.

*

* *

Aprestando-se o Brasil, por força dos tratados e convênios assinados com os Govêrnos de Montevidéu e de Endre Rios, para participar da cam-